contrapontos
DOI: 10.14210/CONTRAPONTOS.V26.e22473
Dossiê temático Mediação literária na escola: da concepção às práticas pedagógicas

A ARTE DA MEDIAÇÃO CULTURAL

THE ART OF CULTURAL MEDIATION

L'ART DE LA MÉDIATION CULTURELLE

LICENÇA CC BY:
Artigo distribuído sob os termos Creative Commons, permite uso e distribuição irrestrita em qualquer meio desde que o autor credite a fonte original.

Michèle Petit
Centre National de la Recherche Scientifique

Artigo recebido em: 12/08/2026
Aprovado em: 02/10/2026

Resumo: Este artigo aborda a arte da mediação cultural e seu papel no acesso de crianças e adolescentes à literatura e à cultura escrita. Busca evidenciar as práticas dos mediadores culturais — pais, avós, professores, bibliotecários e outros agentes culturais — que contribuem para tornar a leitura desejável e favorecer uma relação sensível com as obras literárias. A partir de relatos de experiências de leitores e de exemplos de práticas de mediação em diferentes contextos, a autora demonstra que a transmissão cultural não se baseia em fórmulas preestabelecidas, mas em uma "arte de fazer" fundamentada na atenção, na escuta, na criatividade, na presença e na hospitalidade. Os resultados indicam que a leitura compartilhada, especialmente por meio da voz, do jogo e da conversação, favorece não apenas a apropriação da cultura escrita, mas também o desejo, a imaginação, a criatividade, a autoconfiança e a abertura ao outro. A mediação cultural configura-se, assim, como uma prática poética e artística que amplia as possibilidades de relação com a literatura e o mundo.

Palavras-chaves: Mediação cultural; leitura; experiência sensível.

Abstract: This article addresses the art of cultural mediation and its role in children's and adolescents' access to literature and written culture. It aims to highlight the practices of cultural mediators — parents, grandparents, teachers, librarians, and other cultural facilitators — who contribute to making reading desirable and fostering a sensitive relationship with literary works. Drawing on readers' accounts of their experiences and examples of mediation practices in different contexts, the author shows that cultural transmission does not rely on fixed formulas, but on an "art of doing" grounded in attention, listening, creativity, presence, and hospitality. The findings indicate that shared reading, particularly through voice, play, and conversation, promotes not only the appropriation of written culture but also desire, imagination, creativity, self-confidence, and openness to others. Cultural mediation thus emerges as a poetic and artistic practice that broadens possibilities for individuals to engage with literature and the world.

Keywords: Cultural mediation; reading; sensitive experience.

Résumé: Cet article aborde l'art de la médiation culturelle et son rôle dans l'accès des enfants et des adolescents à la littérature et à la culture écrite. Il vise à mettre en évidence les pratiques des médiateurs culturels — parents, grands-parents, enseignants, bibliothécaires et autres passeurs — qui contribuent à rendre la lecture désirable et à favoriser une relation sensible avec les œuvres. À partir de récits d'expériences de lecteurs et d'exemples de pratiques de médiation dans différents contextes, on montre que la transmission culturelle ne repose pas sur des recettes, mais sur un « art de faire » fondé sur l'attention, l'écoute, la créativité, la présence et l'hospitalité. Les résultats soulignent que la lecture partagée, notamment à travers la voix, le jeu et la conversation, favorise non seulement l'appropriation de l'écrit, mais aussi le désir, la rêverie, la créativité, la confiance en soi et l'ouverture à l'autre.

Mots-clés: Médiation culturelle; lecture; expérience sensible.

ISSN: 1984 -7114

A ARTE DA MEDIAÇÃO CULTURAL

Como forma de introdução, são imagens que me vêm à mente. Na Argentina, em uma paisagem montanhosa chamada o Impenetrável, vejo a imagem das crianças da comunidade indígena Toba que estão na estrada. De vez em quando, chega um bibliônibus e, com ele, livros, quadros de imagens coloridas e uma mulher que lê em voz alta, que as escuta e conversa com elas, sentadas em círculo. Nos dias em que o bibliônibus passa, elas estão lá muito antes de sua chegada, sob 40 graus, esperando, observando o horizonte. Penso também nessas pequenas crianças colombianas que vivem em vilarejos não atendidos por nenhum bibliônibus e onde não há acesso à internet. É em torno de um aparelho de rádio que elas se reúnem para ouvir um programa transmitido de uma cidade próxima, no qual histórias são lidas especialmente para elas. Penso ainda em outras crianças, no México, em Chiapas, às quais os professores às vezes contam histórias que inventam, na falta de encontrá-las em livros. Livros, elas não têm, mas possuem conexão à internet e uma impressora. Então, imaginam narrativas a partir de fotos ou desenhos que encontram no Facebook.

Em cada uma dessas cenas, um mediador está em ação: a bibliotecária que acompanha o bibliônibus e lê contos para as crianças, ajudando-as a escolher livros, escutando-as; o jovem que concebeu esse projeto de leitura de contos pelo rádio e empresta sua voz; o professor que cria histórias a partir de ilustrações encontradas em uma rede social. Todos imaginam maneiras de fazer com que as crianças sintam prazer e interesse nesses compartilhamentos, e o fazem com alegria, com leveza. Com respeito também por essas crianças, por seus pais e por suas culturas.

A arte cotidiana dos pais, esses primeiros mediadores

Pois não devemos esquecer que os primeiros mediadores culturais são os pais. E muitos deles possuem uma arte de fazer, uma poética do cotidiano, uma inventividade, uma delicadeza. Um desejo de compartilhar com as crianças aquilo que deu sentido às suas vidas ou aquilo que sonharam conhecer, ou simplesmente de lhes apresentar esse mundo surpreendente que está ao seu redor, por meio de lendas, canções e livros, caso tenham tido acesso a eles e deles tenham podido se apropriar.

A leitura é uma arte que se transmite mais do que se ensina, e a transmissão no seio da família é a mais frequente: na maioria das vezes, alguém se tornou leitor porque, na infância, via sua mãe, seu pai ou sua avó com o nariz nos livros; porque os ouvia ler histórias; ou porque esses pais demonstravam curiosidade, até mesmo avidez, por suportes escritos, ainda que tivessem pouca instrução. Como aquela senhora que não tivera acesso aos livros, mas que sempre cuidava de não pisar nos papéis que encontrava no chão quando ia ao mercado. Ela os recolhia para lê-los ao voltar para casa, porque, dizia, "você pode sempre se deparar com uma surpresa." E foi isso que despertou em sua filha o desejo de abrir livros.

Dessa transmissão no âmbito familiar, darei alguns exemplos extraídos de uma conversa virtual sobre a experiência da leitura que animo todos os anos para a Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (Flacso) e da qual participam profissionais (professores, bibliotecários, editores...) da Argentina, da Colômbia, do México e de outros países da América Latina. Eu lhes havia pedido que tentassem se lembrar de uma cena fundadora de sua relação com a cultura escrita, seja uma cena inaugural de sua vida como leitor ou leitora, ou, ao contrário, uma experiência que tenha constituído um obstáculo à apropriação da escrita. Evidentemente, as lembranças são sempre reconstruídas. Por

outro lado, há uma ligeira sobrerrepresentação da classe média entre aquelas e aqueles que me relataram situações desse tipo. Ainda assim, elas nos ensinam muito sobre as formas de acesso à leitura e permitem compreender melhor a arte de fazer desses primeiros mediadores.

"A narração sempre esteve associada, na minha infância, a pessoas que eu amava, à sua voz, à maneira como contavam", diz Jorge. Foi assim para praticamente todos aqueles me responderam. No início de sua vida de leitores ou leitoras, houve um ser amado. Muito frequentemente, tratava-se da mãe; em outros casos, do pai ou de ambos os pais. A cena mais comum é aquela em que alguém lê contos tradicionais para uma criança antes que ela adormeça. No entanto, encontramos também mães que recitam poemas ou cantam canções, outras que inventam histórias a partir de desenhos, um pai que repete tangos nos quais inclui sua filha pequena como personagem, outro que pega "um volume de um velho dicionário para ler a seus seis filhos um verbete: Inglaterra, ecossistema, totem, Rimbaud, viveiro... Não importava qual. Era um ritual". E sua filha, Mariela, diz que essa experiência tem a ver com "o caráter extraordinário das coisas mais simples."

As cenas com uma avó também são frequentes. Yanina lembra que sua avó aprendia de cor poemas para recitá-los em cada reunião de família. "Lembro-me de sua voz, ali, em seus braços, escutando e imaginando tudo o que ela recitava. Eu tinha oito anos. Um dia, ela me mostrou o livro onde encontrava esses poemas. E comecei a lê-los. E, a partir daí, todo um mundo a descobrir." Ou a avó de Letitia: "quando ficávamos sozinhas em sua casa, ela tirava um caderno com capa de couro e me dizia poesias. Poesias que meu avô havia escrito para ela. Poesias que, há mais de trinta anos, um avô ainda adolescente escrevia para sua noiva. Meus avós, que eram pessoas pouco demonstrativas no plano afetivo, ali se abriam para mim em toda a sua capacidade de amar."

Várias avós não liam, mas contavam histórias, como diz Liliana: "minha avó era uma imigrante árabe e preenchia minhas tardes com histórias contadas a partir de sua imaginação e de sua memória. Mas ela era analfabeta. Quando aprendi a ler, pude lhe oferecer, por minha vez, um mundo povoado de imagens e perfumes, lendo para ela meus livros, que ela escutava todos os dias antes de dormir."

Às vezes, a pessoa amada era um avô cego que escutava as redações que sua neta escrevia, ou uma bisavó tecelã que contava os contos de seu país natal e também "lia" o futuro nas cartas. São numerosas as cenas em que irmãos e irmãs leem uns para os outros, em que a escrita circula pela casa: "nunca senti nenhuma pressão para me tornar leitora", diz Maria Laura; "os jornais, as histórias em quadrinhos ou os livros estavam ali, circulavam entre os mais velhos e, assim, também se tornaram meus".

Essas cenas apresentam uma diversidade fascinante e, como diz Melina, "em cada experiência leitora aparece o sutil, o detalhe". No entanto, algo se repete: a importância de uma certa ambiência, de um certo clima ("era a atmosfera, as sensações e o aconchego dos pais", diz Marco, acrescentando que não houve "nenhuma mediação intencional"). Foi esse clima que permitiu estabelecer, com a linguagem do relato e com os livros, uma relação afetiva, sensível, e não apenas cognitiva. Notemos a importância da voz: em muitos países, a leitura em voz alta foi uma das grandes vias de acesso ao desejo de ler e continua sendo.

Mais uma cena, evocada por Javier: "Quando eu era pequeno, meu pai vinha todas as noites com um livro e se deitava na cama de um de nós para ler até que adormecêssemos. Evidentemente, o primeiro a dormir era ele. Então eu continuava a leitura ou uma de minhas irmãs o fazia."

Para cada um de nós, um dia, aquela ou aquele que lia adormece, já não ouvimos mais sua voz. Mas a criança que há em nós conserva essa voz e pode, por sua vez, continuar a contar: é isso a transmissão cultural.

É assim que, hoje como ontem, a relação com a leitura — e com a literatura, oral e escrita — é, antes de tudo, uma questão de família. O papel dos pais e dos avós é essencial: sua presença concreta, sua voz, seu riso. Muitos dispõem de recursos intelectuais que nenhum diploma certifica, como a aptidão para inventar gestos, palavras, narrativas, a fim de introduzir as crianças no mundo de maneira poética e transformar rituais cotidianos em pequenas festas compartilhadas. Ou ainda a capacidade de contar aos filhos sua própria história e a de seus antepassados. Em muitas famílias, de diferentes contextos sociais e qualquer que seja sua configuração, a transmissão cultural está bem viva, ainda que suas modalidades e seus conteúdos tenham evoluído. Nelas, enchem-se os bolsos das crianças, preenche-se seu baú de tesouros de conhecimentos, mas também de objetos, palavras, narrativas e imagens das quais elas poderão se apropriar para não se sentirem perdidas.

Em outras famílias, porém, a transmissão cultural encontra-se fragilizada. Isso pode acontecer quando a luta pela sobrevivência ou o trabalho consome o tempo cotidiano, quando a mãe está deprimida pela vida que leva ou pelo exílio, ou quando não recebe apoio suficiente daqueles que a cercam. Nessas circunstâncias, ela nem sempre está em condições de compartilhar com os filhos momentos de contar histórias, descobrir e sonhar o mundo ao lado deles. Muitas vezes, ela se esqueceu das lendas que lhe foram transmitidas, ou estas lhe parecem pertencer a um passado que chega a lhe causar quase vergonha. Em muitos lugares, mães, pais e avós deixaram de transmitir uma língua portadora de mitologias e de poesia. A linguagem passa a servir apenas para a designação imediata dos seres e das coisas, ou para dar ordens, pedir, exigir. Falta, então, às crianças uma etapa essencial para integrar os diferentes registros da língua e se apropriar da cultura escrita: aquela em que a literatura, oral ou escrita, as inicia nesse uso das palavras ao mesmo tempo vital e gratuito, próximo da vida, das emoções e do prazer compartilhado, e distante do controle e da avaliação. Também lhes faltará todo esse tecido de palavras, histórias e fantasias que interpomos, sem pensar, entre o real e nós, entre o céu estrelado, a montanha, o mar, a cidade e nós. O espaço que os rodeia não lhes dirá nada, ou muito pouco. Não lhes contará histórias. A menos que encontrem outros mediadores.

É por isso que é importante ajudar pais e avós a reencontrarem suas riquezas e também a descobrirem outros relatos, outros jogos poéticos com a linguagem, mesmo que sejam analfabetos. Nas últimas décadas, difundiu-se cada vez mais, entre os profissionais da educação, das bibliotecas e da saúde, a ideia de estabelecer vínculos com as famílias de contextos inicialmente afastados da cultura escrita. No início, a maioria desses profissionais estava preocupada com o rendimento escolar, pois também observava que é, antes de tudo, na família que se dá a apropriação da cultura escrita e, consequentemente, em grande medida, o sucesso escolar. Mas, muito rapidamente, aqueles que implementaram esses programas envolvendo os pais, assim como os que deles participaram, perceberam que o que estava em jogo era muito mais amplo.

Em diversos lugares, eles observaram que os livros se revelam excelentes suportes para que muitas coisas circulem em um grupo e que a leitura reaviva as conversas e as discussões, inclusive sobre temas delicados ou capítulos sombrios da história, permitindo um certo distanciamento. Esses compartilhamentos frequentemente possibilitam reativar a tradição oral. Em alguns casos, contribuem para restaurar os vínculos entre mães e crianças pequenas, favorecendo, pouco a pouco, interações mais ricas e mais vivas entre elas. Em contextos críticos, facilitam também a elaboração da

separação, do luto e do exílio. Esses encontros com os pais alimentam uma apresentação poética do mundo, abrem a família para outros horizontes e permitem uma espécie de respiro.

As invenções dos mediadores culturais fora da família

Se a leitura é uma arte que se transmite, antes de tudo, no âmbito familiar, há sempre uma parte imprevisível, surpreendente. Penso aqui no que contou Jovita, na Argentina. Quando era pequena, havia em sua casa nove mil livros. Mas foi com as fotonovelas que ela construiu seu próprio caminho de leitora: "eram leituras que minha mãe me proibia sistematicamente, porque não contribuíam para a construção de uma cultura literária séria. Era dona Pura, que vinha fazer a limpeza várias vezes por semana, quem me emprestava. Eu os lia no meu quarto e depois os escondia entre a cama e a parede". Quando dona Pura voltava para limpar a casa, deixava a fotonovela seguinte no esconderijo.

De tempos em tempos, o primeiro mediador foi, assim, uma pessoa exterior à família, um vendedor ambulante, um médico, uma religiosa... E, claro, às vezes, um professor. Na escola, porém, a experiência nem sempre foi feliz, como relata Marcela: "era como se fôssemos obrigados a ler com os olhos dela, em vez dos nossos". Ou Diego: "Purante muito tempo, os professores agiram de tal maneira que passei a detestar a leitura e não via nada de interessante nos livros, porque encaravam o ato de ler como um castigo". Até o dia em que ele sentiu um intenso desejo de ler, graças a um professor cuja maneira de ensinar era cheia de paixão. Para Florencia também, a escola foi a oportunidade de encontrar uma professora que tinha grande prazer em ler: "Ela nos levou a navios piratas, cemitérios encantados, casas abandonadas e castelos onde princesas desapareciam; nunca me senti tão viva como nesses momentos."

São também bibliotecários a quem muitos leitores prestam homenagem, por terem desempenhado um papel fundamental ao tornar os livros desejáveis; assim como livreiros, trabalhadores sociais, adolescentes que leem para os mais novos, booktubers... Seja pela importância da leitura em voz alta, do jogo, da teatralização, por vezes da dança ou da música, do debate, há, em muitos desses mediadores, uma busca para que as obras literárias se tornem uma experiência sensível, uma conversa, um pensamento em construção. Crianças e adolescentes são considerados em suas dimensões sensível, psíquica e física, e não apenas cognitiva. Os espaços de leitura compartilhada criados articulam a oralidade e a escrita, tendo a voz como elemento central daquilo que é proposto. Mas, para além dessa importância atribuída à oralidade, muitos mediadores redescobrem a necessidade de suscitar idas e vindas entre o sensível e a linguagem, de fazer emergir, sob um texto, todo um pano de fundo de sensações, emoções, movimento e ritmo. Eles se empenham em aguçar a atenção, estimular a criatividade. De fazer experimentar diferentes pontos de vista, promover uma postura ativa e um olhar pessoal. De incentivar a pensar de forma original e deslocada.

Se essa abordagem facilita a apropriação da cultura escrita e uma reconciliação com as aprendizagens, os efeitos dessas partilhas vão muito além. Eles reativam a atividade psíquica, o desejo, a imaginação, o pensamento. Dão confiança aos participantes, os desinibem. Aqueles que tinham dificuldades com a linguagem por vezes se descobrem audaciosos e passam a pronunciar ou escrever frases marcantes; os tímidos tomam a palavra e ninguém zomba deles. Os participantes prestam atenção às vozes dos outros, inspiram-se mutuamente. Em todos os lugares, tornam-se mais próximos, mais afetuosos, mais solidários — especialmente meninos e meninas, em grupos onde inicialmente havia pouca convivência entre eles. Apropriam-se de textos que são verdadeiramente

interiorizados, familiarizam-se com espaços culturais. Não se tornarão necessariamente grandes leitores, mas os livros ou as bibliotecas já não lhes causam temor. Sabem que também lhes pertencem.

Há ainda outro aspecto recorrente entre os mediadores culturais de diferentes países: muitos saem e percorrem o espaço com as crianças ou os adolescentes. Se não saem, ao menos lhes apresentam poeticamente o mundo que os cerca. Por meio de lendas, poemas e ilustrações, abrem esse espaço para um "alhures", seja geográfico, histórico ou mitológico. E, pouco a pouco, a relação com os lugares é transformada.

Nesta época tão brutal, há, ao menos, uma boa notícia: por toda parte existem pessoas que fazem o que podem para que crianças, adolescentes e também adultos tenham acesso aos seus direitos culturais. Eles, e elas ainda mais (são muitas as mulheres que impulsionam essas partilhas, e homens que não têm medo da companhia das mulheres), sabem que não vão reparar as desordens ou as desigualdades do mundo, que são consideráveis, mas observam que podem, em vários domínios muito importantes, contribuir para abrir uma margem de manobra, ampliar o campo de possibilidades e reencontrar a noção de futuro. O que já é muito.

Eles não colocam em prática essas partilhas apenas porque a cultura escrita ocupa um lugar fundamental em nossas sociedades e porque é muito importante tornar sua apropriação desejável. Fazem-no também porque sentem que é toda uma relação com o mundo que está em jogo. Eles têm um conhecimento íntimo da importância vital da literatura, oral e escrita, da arte e, às vezes, da ciência, quando esta se faz poética, e lutam para que cada um tenha o direito não apenas de se apropriar da língua e formar seu espírito crítico, não apenas ao saber, mas também ao imaginário, a um devaneio mais rico, a um cotidiano em que uma dimensão poética encontre seu lugar, desde a mais tenra idade. Pois, desde o início da vida, não podemos ser reduzidos a seres biológicos, nem a uma linguagem meramente utilitária. Se o adulto que alimenta uma criança pequena se limitar apenas a nutrir, ela ficará irritada ou virará o rosto. É o jogo, a fantasia, que dão sabor a esse momento. Uma criança pequena precisa viver tempos de trocas gratuitas, de faz de conta, de metáforas, de ficções — sob a forma de cantigas, pequenas histórias, leitura de um álbum... Somos animais poéticos — passo meu tempo repetindo isso.[1]

Ao ouvir pessoas que se tornaram leitoras compartilharem suas experiências, ao observar as práticas de mulheres e homens que promovem mediações culturais com crianças ou adolescentes inicialmente afastados da cultura escrita, não encontrei uma fórmula para despertar nos jovens o desejo de se apropriar de textos escritos. Aliás, não acredito muito em receitas; parece-me que cada um inventa, com sua sensibilidade singular, a partir do que sabe fazer, do que tem prazer em fazer e, felizmente, isso não é igual para todos. É bom que, em vez de uma receita universal, exista uma surpreendente variedade de experiências e invenções.

O que é essencial nessas mediações culturais é uma arte de fazer — isso me pareceu cada vez mais evidente. Paulo Freire dizia que um educador é também um artista que refaz o mundo, o redesenha, o repinta, o faz dançar. O educador, em sentido amplo, o mediador cultural, talvez seja, antes de tudo, um artista. Transmitir é uma arte, ensinar também. É trivial repetir isso, mas não se leva suficientemente em consideração essa dimensão artística, menos ainda hoje, diante da obsessão pela rentabilidade imediata. Quando falo de arte, não me refiro ao fato de possuir um dom, mas a uma forma de transmissão que comporta uma dimensão poética, uma fantasia, uma parcela de jogo, de inventividade e de criatividade. Mas essa arte é, antes de tudo, a arte da atenção delicada, do

1 Cf. Michèle Petit, Somos animais poéticos, Editora 34, 2024.

olhar e da escuta. Da hospitalidade, da disponibilidade, da qualidade da presença. Da confiança nas capacidades de cada um: as formas de expressão das crianças ou dos adolescentes são acolhidas e valorizadas. É também a arte do feliz achado. A mediação cultural talvez seja a arte de criar belas surpresas, sempre renovadas, encontros inesperados com obras que despertam o desejo, o devaneio, o pensamento e as possibilidades adormecidas em cada um. Como Daniel Goldin me escreveu a propósito dos encontros que observava quando dirigia a Biblioteca Vasconcelos, na Cidade do México.

Enquanto por toda parte se erguem muros, identidades compartimentadas, fechadas ao outro, é preciso prestar homenagem às mulheres e aos homens cujo ofício, ou atividade voluntária, consiste em lutar contra as desigualdades e lançar passarelas, construir pontes entre pessoas, gerações, instituições, lugares, culturas, práticas artísticas, obras literárias de ontem e de hoje, daqui e de outros lugares. Agradecer àquelas e àqueles que fazem viver esses jardins inesperados, dos quais as crianças e os jovens tanto necessitam, dos quais todos nós tanto precisamos, ainda mais nestes tempos difíceis.

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PETIT, Michèle. **Somos animais poéticos**. São Paulo: Editora 34, 2024.